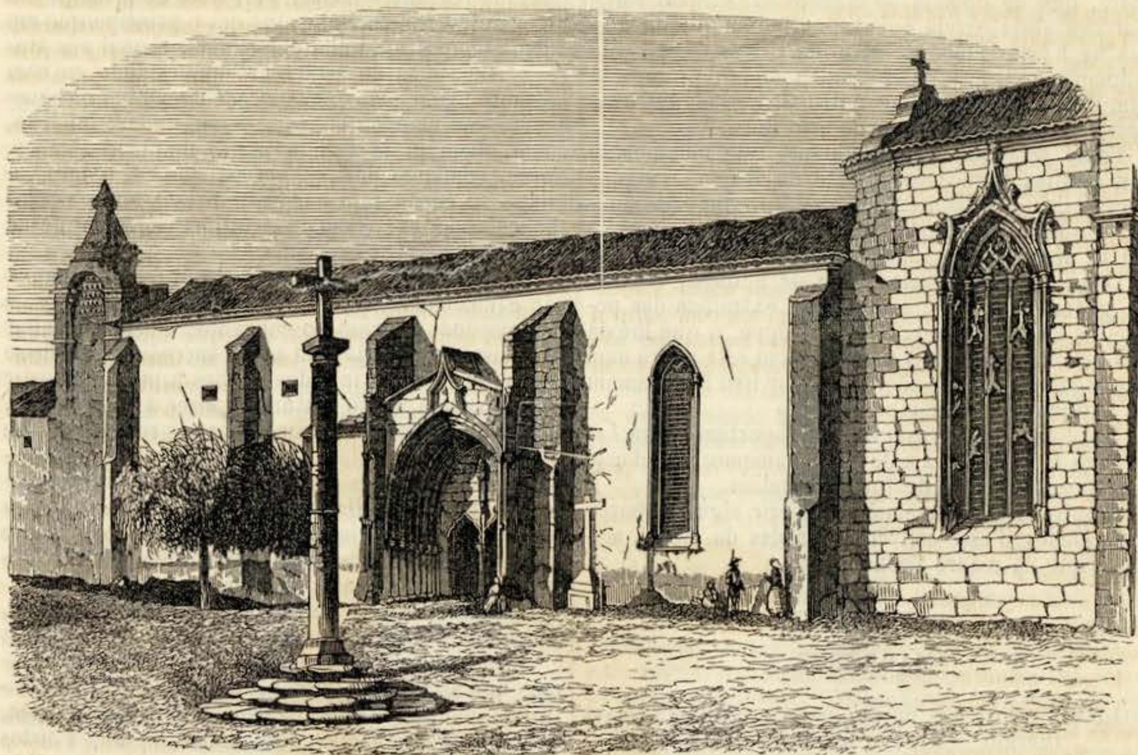


Convento de Jesus de Setubal — Desenho de Nogueira da Silva

I

Festejâmos o despacho que ultimamente teve a antiquissima Setubal, de ser elevada á categoria de cidade, com lhe gravarmos n'estas paginas o seu mais notavel monumento artistico, qual é o convento de freiras de Santa Clara, denominado de Jesus, fundado ha hoje perto de quatro seculos.

Já era tempo de dar titulo e foros de cidade a esta villa, que pela sua topographia, porto maritimo, producção, commercio e população, fôra sempre contada entre as principaes do reino, tendo apenas sobre si Lisboa, Porto e Vianna.

Por varias vezes a imprensa, desde 1842, instou por esta promoção, e nós fomos d'esses. Por fim houve uma vereação que definitivamente requereu esta preeminencia, e a conclusão do ramal do caminho de ferro do sul, que para aquella povoação se abriu agora, veiu resolver o despacho de que nos congratulâmos, com aquella alegria d'alma que nos infunde qualquer progresso ou engrandecimento d'esta boa terra.

O convento que hoje estampâmos em gravura, é quasi todo obra do grande edificador, el-rei D. Manuel, e um dos bons typos que nos restam do estilo e desenho do architecto do mosteiro de Belem, o mestre Botaca.

A historia da fundação do convento de Jesus de Setubal conserva-se manuscripta na secção dos codices da bibliotheca nacional de Lisboa, e tem por titulo: — *Historia da antiga e curiosa fundação do convento de Jesus da villa de Setubal, escripta por Soror Leonor de S. João.*

Eis como a boa da madre conta qual foi o principio d'esta edificação:

«Em 1489, inspirou Deus em Justa Rodrigues Pereira, dona nobilissima e de santos e altos pensamentos, ama do duque D. Manuel, que depois foi rei de Portugal, que fundasse n'esta villa um mosteiro de freiras da primeira regra de Santa Clara. E sabendo ella que mestre Botaca era vindo das Italias ás obras d'el-rei D. João (II) pela fama de seu engenho, e que estava na mesma terra, achando-se ella presente, entendeu que abria o Senhor caminho a seus intentos, mandou logo chamar ao dito mestre, e disse-lhe como desejava fazer um convento de freiras capuchas, e da regra acima dita, pelo não haver na Hespanha, e declarando-lhe o modo e traça como o queria, ficou o mestre maravilhado, e respondeu-lhe: «Ora não mais, senhora, esse é o convento que me foi mostrado em sonhos nas Italias, e trago debuxado.»

Ficou ella mui consolada, e foi dar conta a el-rei D. João II, que então reinava, e lhe disse como desejava fazer um convento, e se havia de intitular o nome d'elle *Jesu.*»

El-rei lhe respondeu: «Ama, a muito vos atreveis!» Ella replicou e disse: «Senhor, se Jesu houver mister alguma coisa de V. A., far-lha-ha?» O christianissimo rei tirou então a gorra da cabeça, e com ella baixa disse: «A Jesu, a pessoa e a coroa.»

Ella então, prostrada aos pés del-rei, lhe beijou a mão pela mercê, e pediu-lhe a consummasse impetrando breve e licença do papa.»

Assim, dito e feito, se levantavam então grandes monumentos!

Em quanto não chegava de Roma a competente bulla, se foi comprando o chão para o convento e cêrca; e pouco depois se começou a edificar, tudo

isto por conta d'el-rei D. João II, o qual fallecendo n'este meio tempo, seu successor D. Manuel, não só continuou, mas ampliou grandemente a obra, de tal sorte, que na opinião do classico agiographo Jorge Cardoso «esta egreja é das sumptuosas que de freiras ha n'este reino, de abobada e tres naves, com columnas de jaspes, lavradas de modo que representam dois cordões torcidos entre si, que alguns querem seja propria *empresa do dito rei.*»

Como se vê da nossa estampa, este monumento tem muitas parecenças com o de Belem, n'alguns accessorios, esculpturas e rendados, o que não admira, porque o mesmo architecto Botaca, e o mesmo rei D. Manuel, são auctores de um e de outro.

O que mais sobresáe n'este de Setubal, é a côr da pedra de que elle é revestido, extrahida das pedreiras da visinha serra de S. Filippe, o que lhe dá um aspecto ainda mais vetusto. Tem esta pedra uma côr atijolada, porém não egual, por isso lhe chamam os antiquarios «vermelho antigo.»

O conde de Raczynski na sua importante obra *Les arts en Portugal*, faz a devida commemoração d'este monumento de architectura manuelina.

N'outro artigo havemos de referir algumas particularidades d'este convento, tiradas do citado manuscripto da madre Leonor.

MARROCOS

VIAGEM E CAPTIVEIRO DE UMA DAMA PORTUGUEZA N'ESTE IMPERIO, EM TEMPO DEL-REI D. JOÃO V

(Conclusão. Vid. pag. 59)

Passados alguns tempos, comprei umas casas ao pé do convento, por ter perdido as esperanças da liberdade, para que podessem meus filhos aprender a doutrina christã, e juntamente assistirmos ás nossas festas, que com muito zelo em o convento se fazem; pois n'elle tinhamos missa, procissões, endoenças, sermões, e tudo quanto podiamos desejar. Porém tinha a pensão de ir com meus filhos todos os dias a palacio, da sorte que a rainha tinha determinado, onde andava com muita estimação de todos, e juntamente d'el-rei Muley-Ismael, que sendo de tão terrivel condição, pois continuamente com a espada ou lança nas mãos se não passava dia algum, em que não fosse homicida de innumeraveis vidas, nunca, por muito enfadado que estivesse, experimentei, nem meus filhos, a menor molestia. Antes, passados os primeiros quatro annos, em que recebemos da sua crueldade a maior tyrannia, nunca mais nos offendeu em coisa alguma; pelo contrario, muitas vezes com as minhas petições acharam varias pessoas refugio para suas vidas, perdoando-lhes quando se consideravam no mais exacto perigo; por cujo motivo era entre os principaes de palacio muito estimada.

Havia entre os muitos filhos que el-rei tinha dos mais principaes um, que chamavam Muley Amete Deby, o qual com excessivo desvelo me perseguia, tanto que foi preciso queixar-me d'elle, e temerosa sempre me andava escondendo, por me ter jurado que se havia de vingar de mim.

N'este tempo fez petição um captivo da nação hespanhola a el-rei para casar com minha filha, ao que fizemos gravissima repugnancia; sem embargo do que, foi por el-rei para o matrimonio constrangida. Recebeu-se no convento dos religiosos, e d'este matrimonio teve uma menina, que se baptisou no mesmo convento, a quem pozeram por nome Leonor, e todos moravam juntamente commigo; e como meu filho tivesse já nove annos, o poz el-rei no mesmo convento, por haver n'elle hospital real, para que aprendesse a arte de cirurgia.

Dez annos teriamos de captiveiro, quando, fallecendo el-rei Muley-Ismael, coroaram ao principe seu filho Muley Amete Debi, que era o principe que em outros tempos me tinha perseguido, o qual aos vinte e cinco dias de estar coroado, estando eu com bastante temor pelo que antecedentemente tinha succedido, me mandou chamar, a cuja ordem fui logo, como quem já ia com a morte diante dos olhos. Foram commigo dois religiosos, que em todo o caminho se occuparam em dizer fizesse actos de catholica, pois era chegada a ultima hora, o que eu com todo o fervor exercia.

Cheguei diante d'elle, implorando o divino amparo; e chamando-me, procurou pelos meus filhos, e lhe respondi ficavam no convento; e sem me fallar em coisa alguma do que tinha succedido, me disse tivesse cuidado de ir todos os dias a palacio assistir á nova rainha, como costumava fazer á antecedente, o que foi de muita admiração para os religiosos, que o attribuiram a milagre de Nossa Senhora da Soledade; e tornando para o convento, os religiosos todos cantando *Te Deum laudamus* davam graças a Nosso Senhor de me ter livrado de tão evidente perigo, e os captivos todos com muitas festas festejavam por milagre a minha fortuna.

Um anno teria de reinado este principe, quando, formando-se duas parcialidades, uma dos brancos e outra dos negros, se travaram tão terriveis guerras, que tirando ao dito principe da corôa, constituiram um seu irmão chamado Muley Abedemelec, que reinou seis mezes, fazendo muito bem a todos os brancos. Em seu poder passaram todos os captivos muitos trabalhos, pois totalmente aborrecia os catholicos, dos quaes matou bastante quantidade; e vendo os negros que fazia mais apreço e estimação dos brancos do que d'elles, juntando-se e encorporando-se com o exercito, que estava em Mexarromel, buscando o principe que tinham despojado da corôa, vieram do dito exercito duzentos mil homens, que pozeram cêrco á côrte de Mequinez, onde estava fortalecido Muley Abedemelec com todos os brancos. Mas os negros, como soldados pagos, sabiam de milicia melhor que os brancos, e assim em breve espaço de tempo ganharam a cidade, entrando n'ella de tarde, e toda a noite até ao outro dia fizeram extraordinarios damnos, saqueando toda a cidade, matando n'ella passante de cinco mil brancos, e mais de mil e quinhentos judeus, e juntamente cento e quatorze captivos, entre elles dois religiosos do nosso convento, e os outros todos ficaram nús e muito feridos. Roubaram e destruiram tudo, de sorte que não ficou imagem nem ornamentos sagrados que não levassem, deixando-me a mim e a meus filhos todos nús, levando tudo quanto comnosco tinhamos no convento, e a nossa casa, que ao pé d'elle estava, deixaram toda destruida; e termos escapado com vida, foi altissima providencia de Deus, pois duas vezes me pozeram a bocca de uma espingarda nos peitos, e se não fosse um negro conhecido, que sobre elles tinha algum dominio, que nos levou a sua casa e juntamente os religiosos, sem duvida todos teriamos n'aquella hora o nosso ultimo fim.

Retirando o exercito, seriam quasi onze horas do dia, voltámos para o convento, que não tinha coisa que totalmente não estivesse destruida, sem termos nós nem os religiosos coisa com que nos podessemos cobrir, e só com bocados de capachos é que nos remediámos; mas foi Deus servido que o dinheiro e as mais prendas de ouro e prata, que juntamente tinha com o dinheiro dos religiosos, escaparam enterrados, o que fizeram os padres em quanto elles estavam rompendo as portas para en-

trar, e só poderam, com a pressa, enterrar um calis e uma patena, porque a occasião foi tão urgente, que não deu logar para mais.

N'este conflicto estavamos, quando, levantando o cêrco de Mequinez juntamente com o principe que traziam, marcharam para a cidade de Fez, que dista doze legoas da dita corte, para a qual se retirára Muley Abedemelec, com bastantes brancos, logo que viu de todo ganhada a cidade pelos negros, e então me mandou chamar Muley Amete, que era o principe que os negros traziam, o qual me disse que como ia pôr sitio á cidade de Fez, queria fosse e meus filhos, com mais alguns captivos, para lhe assistirmos o tempo que durasse o sitio.

Marchei com elle, levando juntamente meu filho, deixando minha filha na corte de Mequinez com seu marido e filha. Cinco mezes durou o sitio, e em todos elles foram excessivos os sobresaltos que tivemos, especialmente uma tarde que, levando d'el-rei certo papel a um bachá, indo commigo meu filho e seis moiros da guarda d'el-rei, veiu uma bala de artilheria perdida, que da cidade atiraram, que levou tres moiros dos que comnosco iam, e nós, sem saber como, ficámos em terra sem sentidos, ficando el-rei notavelmente admirado do que tinha succedido.

Ao cabo de cinco mezes se entregou a cidade por capitulação, e juntamente el-rei Muley Abedemelec; e retirando-se o exercito, veiu para Mequinez o principe que os negros traziam, e alli o coroaram.

Socegada a cidade, principiei outra vez a fazer casa de novo.

N'este mesmo tempo determinou el-rei dar resgate a todos os captivos, para o que mandou dois d'elles ao nosso monarcha, el-rei D. João v, que Deus guarde, para que nos mandasse resgatar, os quaes, vindo para Lisboa, e feita sua embaixada, mandou S. M. fossem para nos resgatar os padres redemptores Fr. Pedro de Mello e Fr. José de Paiva, e por thesoureiro Diogo Correia da Matta, com titulo de embaixador, e por escrivão Vicente Francisco Cardoso, que levaram tres pagens, dois moxillas e dois escravos clarineiros; e chegando a Mequinez, foram do rei com muito gosto recebidos, mandando-os pousar em casa de um bachá dos negros, chamado el-bachá Misael, dando ordem aos judeus para que com grandeza concorressem com todo o necessario.

Ajustou-se em fim o resgate para todos os captivos da nação portugueza. Saímos da cidade de Mequinez com bastante cabedal, pois á minha parte só, trazia nove cavalgaduras carregadas, fóra os dinheiros e peças de ouro e prata, que no cofre do embaixador para maior segurança traziamos. N'este resgate vieram cento e quinze captivos, com duzentos moiros de guarda.

Estivemos tres dias em Salé, e d'alli fomos a Azamor, onde estivemos dia e meio. Passámos d'ahi á Casa Branca, que dista de Mazagão uma legoa, na qual estivemos uma noite com muitas guardas, por estar d'ahi muito perto uma cabila, que não queria obedecer a el-rei que nos deu a redempção, á qual chamavam Muled-Duib, e diziam que n'aquella noite haviam matar todos os captivos, e juntamente com ella se encorporou outra cabila mais populosa, de sorte que as duas formavam um corpo de seis mil homens pouco mais ou menos. Entre elles estava um principal do reino, pae de duas barbaras do reino de Mogafra, que vieram no tempo do rei Muley-Ismael com muita ostentação de innumeravel gente, que de muitas legoas as foram buscar n'uns camelos, todos guarnecidos de muitas franjas de ouro, e em cima formada uma casa de madeira toda coberta de preciosas telas, dentro da qual vinham todas cobertas para não serem de ninguem vistas, por virem ser mulheres d'el-rei, cuja entrada na corte foi maravilhosamente grande; por cuja causa era este seu pae de todas estas cabilas notavelmente respeitado; e elle com a dita gente e com o alcaide, alli pouco distante de Mazagão, esperavam por nós para nos roubar, porque não queriam obedecer a el-rei, que nos mandou a redempção, por cujo motivo nos vieram da cidade de Azamor alguns dois mil homens para que fossem em nossa guarda, pois na tarde antecedente, querendo o padre José de Paiva entrar na praça com um pouco de gado que levava, tirando-lhe tudo que trazia, e ainda o habito de fóra, o fizeram tornar com bastante temor para Casa Branca, onde nós estavamos com os mais captivos; o que visto por nós, nos serviu de grande temor. Por esta causa estivemos toda a noite como quem tinha a morte diante dos olhos.

No outro dia de manhã partimos para a dita praça de Mazagão; e estando nós já debaixo da artilheria, vieram as duas cabilas dos moiros alevantados, e todos com alfanges nas mãos investiram comnosco, e nos levaram todas as cavalgaduras carregadas com o que traziamos; e nós fugindo e escapando, mais por milagre que de outra fórma, deitando-se os captivos na cava que a dita praça tem, e mettidos pelas lamas, fomos dar a um patacho, que, posto em sêcco, lhe podémos chegar. E como entre todos os captivos não visse meu filho, com toda a resolução, mettendo-me outra vez entre os moiros, o andava buscando, e quiz Deus Nosso Senhor o achasse; e tirando por elle para a cava, me despiram os moiros, de sorte que entrando na praça, me lançou o governador a sua capa, com que me cobriu; e Fr. Pedro de Mello da mesma sorte o deixaram só com a tunica; e, se não se mettesse no patacho, não sei se escaparia; e como nos vissemos na praça, dissemos uns para os outros dessemos graças a Deus por nos ver livres de tão grande perigo!

D'ahi a dois dias veiu o embaixador e Fr. José de Paiva, que tinha ficado em quanto tinhamos de nos livrar d'aquelle perigo na cidade de Azamor, o qual foi recebido com muitas salvas de artilheria, da mesma fórma que nós o fomos, e estivemos em Mazagão quasi dois mezes, e no fim d'elles nos embarcámos para Lisboa em uma nau ingleza, sentindo todos muita alegria ao avistar esta capital, dando salvas todas as fortalezas, e desembarcámos em S. Paulo, onde se preparou procissão, para d'ahi irmos ao convento da Trindade.

Saímos da dita egreja com sumptuosa procissão, e chegando ao convento da Trindade, entraram os captivos todos, onde estiveram tres dias como é costume em todas as redempções, excepto eu e meus filhos, e minha neta, pois estava já preparada uma carruagem, que era do estribeiro-mor do senhor infante, chamado Francisco Carvalho, o qual, logo que nos viu na procissão, nos mandou buscar para sua casa, onde estivemos uns dias em quanto fui beijar a mão a S. M. e dar-lhe os agradecimentos do beneficio do nosso resgate, o qual, vendo os meus papeis e o muito que na Berberia tinha padecido, me consignou uma tença de seis mil réis cada mez no peso do sabão.

Antes de estarem os papeis de todo despachados, não estando ainda a minha sorte descançada, succedeu que entre varias pessoas que me vieram visitar, foi uma d'ellas um capitão de Olhão, por nome Domingos Martins Pereira, o qual principiou a aconselhar-me que viesse para o logar de Olhão, onde com muito descanço poderia passar a vida com alguns dinheiros que tinham escapado no caixão do embaixador; e resolvendo-me tomar o seu conselho, vendi a mercê da tença a um cavalleiro do habito,

que vendo andava eu n'essa diligencia, me disse a queria comprar; e comprando tudo quanto era necessario para uma casa, buscando almocreve, e achando-o, me puz a caminho para o dito logar de Olhão, onde estive alguns mezes; e vendo que me ia atrazando cada vez mais, e que meu filho desejava aprender a arte de cirurgia, intentei ir para o reino de Hespanha, para cujo fim afretei barco para me levar os moveis, e tomando cavalgaduras até Castro Marim, passando para Ayamonte com meus dois filhos e minha neta, logo d'ahi partimos para o logar de Huelva, no qual estivemos tres mezes, esperando por meu genro, que havia seis mezes tinha ido para o dito reino de Hespanha fallar com uns seus irmãos, e alli tive noticias que estava no Porto de Santa Maria.

Pondo-me a caminho para esta cidade, soube que elle se tinha embarcado para as Indias de Hespanha em companhia de um seu irmão, deixando dito em uma carta, que brevemente tornava para o reino; e vendo-me n'estes termos, fui á cidade de Sevilha, onde então se achava a nossa princeza, á qual fui beijar as mãos; e perguntando-me por varias coisas da Berberia, mostrou ter especial gosto em me ouvir. N'esta cidade estive cinco mezes, nos quaes fui duas vezes, para certo negocio, fallar a el-rei Filippe V e á rainha; e alcançando o que pedia, me resolvi a ir para Cadix pôr meu filho no hospital, a fim de n'elle acabar de aprender a arte de cirurgia; e embarcando em Sevilha para a cidade de S. Lucar de Barrameda, alli estive uns dias, até que, passando a Cadix, puz meu filho no hospital real d'aquella cidade, como elle desejava, e alli estive cinco annos.

N'este tempo, aprromptando-se uma armada para a restauração da praça de Oran, obrigaram meu filho a embarcar n'ella como cirurgião; o que muito me penalisou, por já saber o que costuma succeder em similhantes embarques. Aqui esteve sete mezes padecendo varios infortunios, até que elle teve occasião de fugir da cidade de Alicante, em cuja bahia a sua nau se achava, para uma charrua hollandeza, que para a dita cidade de Cadix fazia viagem. E logo que para ella veiu, temendo eu fosse o seu retiro conhecido, embarcando-me com elle, e com a mais familia em um calão do logar de Olhão, que n'este tempo se achava na dita cidade de Cadix, vim outra vez para o logar de Olhão, onde estivemos alguns tempos; e vendo que estavamos em miseravel estado, que, como não tivesse agencia nenhuma, tudo se tinha destruido, resolvi-me vir para a cidade de Faro fallar ao eminentissimo sr. cardeal Pereira, que Deus haja, o qual, recebendo-me com muito gosto, mandou logo duas cavalgaduras buscar os meus filhos, e o fato que tinhamos, e alugando-nos umas casas na villa, para morarmos, nos mandava juntamente todos os dias o prato da sua mesa, o que por alguns tempos observou, até que eu lhe pedi era melhor me consignasse alguma mesada, e logo mandou se me désse mil e quinhentos réis, e dois alqueires de trigo cada mez, e juntamente o aluguel das casas, e tambem vestia os meus netos.

N'este tempo, casando-se meu filho, me resolvi ir para a cidade de Lisboa, e lhe fui dar os agradecimentos dos beneficios que me tinha feito, e me mandou dar para os gastos doze mil e oito centos, com que parti para aquella capital; e estando n'ella uns dias, depois de beijar a mão a S. M. fui para a villa de Setubal, onde estive dois annos.

Porém como meu filho estava na cidade de Faro, e d'elle tivesse muitas saudades, obrigada d'ellas me resolvi tornar outra vez para aquella cidade, onde presentemente me acho com minha filha e neta, passando com muita limitação e pobreza, valendo-nos, para o sustento, do limitado trabalho mulheril, e do amparo do exc. sr. arcebispo bispo do Algarve, o sr. D. Ignacio de Santa Theresa, que com suas esmolas continuamente nos está favorecendo. N'esta cidade estamos sem ter noticia do meu genro, que ha dez annos embarcou para as Indias, e até ao presente não temos noticia alguma d'elle, por cuja causa temos chegado a padecer muitas necessidades; sendo tão varios os progressos da minha vida, como n'este escripto vae relatado, e n'elle não explico muitas coisas pela brevidade do tempo.

Esta é, excellentissimo senhor, a tragica historia de minha vida até ao presente anno de 1744, e ainda sabe Deus os movimentos que a minha sorte tem que dar; cujos trabalhos offereço a Deus Nosso Senhor pela vida, saude, paz e augmento de vossa excellencia reverendissima, que a divina Magestade guarde para nosso amparo.

D. FILIPPA DE VASCONCELLOS

Ha ignorantes tão altivos, que se desprezam de perguntar, ou porque presumem que tudo sabem, ou porque não presumem que lhes falta alguma coisa por saber. Deus guie a nau onde estes forem os pilotos!

*

Não póde haver mais bem servida republica do que onde os logares forem os pretendentes, e os homens os pretendidos.

*

É açoite de Deus irado, aquelle ministro que quer a destruição dos vassallos, para por ella subir á graça do principe.

Padre Antonio Vieira

NOVA ARTE DE DOMAR OS CAVALLOS

(Vid. pag. 60)

Quando o domador percebe que o cavallo está disposto a deitar-se, vae-lhe fazendo sobre o flanco e as espadoas uma pressão continua, mas sem violencia, até que o cavallo se deita de todo. Então Rarey continúa a afagal-o até que o animal não dê signaes de impaciencia; de vez em quando Rarey senta-se sobre o pescoço, nas ancas, move e levanta-lhe as pernas, chega a cabeça do animal á sua, e faz tudo quanto quer do cavallo.

Quando o vê já sufficientemente docil e submisso, tira-lhe o açaimo, e não teme que o cavallo morda ou dê coices. Tira-lhe a brida de força, e põe-lhe uma ordinaria, despêa-o e ajuda-o a levantar-se.

Logo que o cavallo está em pé, monta-o, e apêa-se com grande ligeireza. Depois sella-o, começando por dar a cheirar o sellim ao cavallo, pondo-lh'o primeiro no pescoço, depois passando-lh'o para o lombo, pondo-lh'o e tirando-lh'o por muitas vezes, até que o animal se torne insensivel a estes movimentos. O mesmo faz com a silha, apertando-a e alargando-a duas ou tres vezes. Depois de assim apparelhado, monta-o, e apêa-se por vezes.

Para mostrar como se devem costumar os cavallos aos sons estrondosos, Rarey manda vir um tambor, que mostra ao animal, e lh'o dá a cheirar, como faz com o sellim; pondo-o depois sobre o cavallo, com uma vaqueta começa a tocar, primeiro muito devagarinho, depois mais forte, até rufar estrepi-

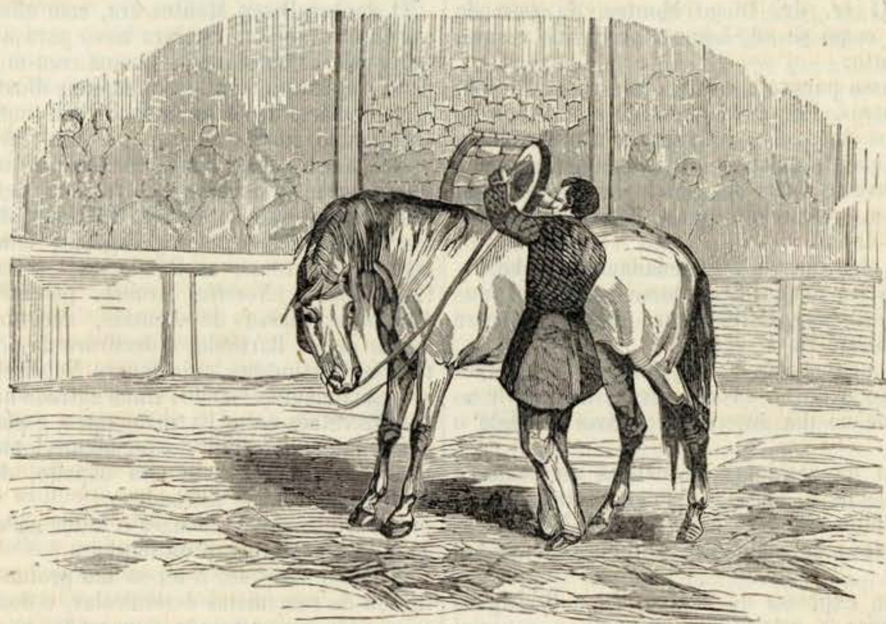
tosamente. O cavallo arrebita as orelhas, segue a progressão do som, mas não se espanta.

É esta a summaria indicação das demonstrações e manejos que vimos fazer a mr. Rarey; porém é mister presencial-os para se conhecer bem a sua maneira de operar, e o partido que se póde tirar do seu methodo. Sem isto não se póde tambem comprehender o opusculo que mr. Rarey publicou com o titulo de *L'art de dompter les chavaux*.

É provavel que um cavallo, já com manhas, se



dome á primeira vez; é possivel que certos cavallos se não corrijam sem muitas operações d'estas; mas é evidente que no maior numero de casos se consegue domal-os; e que hão de resultar, da vulgarisação do methodo de Rarey, grandes vantagens para a hygiene dos animaes, para a segurança das pessoas, e para humanar em geral o ensino dos brutos.



SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid pag. 50)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

III

PASSEIO Á VILLA

Ás oito horas do dia seguinte saiu do pateo da quinta uma brilhante cavalgada, entestando á ponte da ribeira, que em breve transpoz.

Estavam já inundadas de luz as flexuras dos outeiros. As ramadas dos soutos, inclinando-se com a viração, sacudiam sobre a relva o orvalho rútilo, como um chuveiro de diamantes.

Era uma aprazivel manhã de outomno, fresca e perfumada das agrestes emanações da serra, e dos balsamicos aromas dos vinhedos meio vindimados.

O ar penetrante d'aquellas terras montuosas e frias temperava-se com o dardear do sol, que já ia alto, e ameaçava apertar.

Compunha-se a cavalgada do senhor capitão-mór, o abbade, o hospede, a morgada, e o Rodrigues. Se-

guiam-n'a dois moços andejos; precedia-a, a larga distancia, o couteiro Antonio Alegre, de arma ao hombro, com o uniforme completo das ordenanças, exceptuando os borzeguins, de que não podia separar-se.

Verdade, verdade, fazia guapa figura o fidalgo de Val-de-mil, com a sua farda verde de abas compridas, e o seu chapeo armado apresilhado de oiro, pluma da côr da farda, e borlas trançadas. Caía na sella com garbo varonil, e meneava como um émulo do marquez de Marialva o seu possante mursello, estrellado em branco, de fina raça hespanhola.

Não direi que o todo fosse irreprehensivelmente marcial; mas tambem não envergonhava. Pelo contrario. A elevação da estatura, e a natural bizarria do porte, favoreciam-lhe o apparato guerreiro. Via-se bem que era de uma raça a quem as armas tinham sido longamente familiares.

Nenhum das visinhanças o encontrava aquelle dia no caminho, que, além da saudação usual, não ficasse parado a miral-o, como quem se gloriava de ter por conterraneo tão galhardo cavalleiro.

O Rodrigues seguia gravemente o amo n'um rocim anguloso como elle, mas como elle apto para todos os misteres, e inaccessivel á fadiga. O abbade trotava desembaraçadamente n'um galliziano esperto. A morgada montava uma bella egoa de Ayró, que agil e impaciente sopeava com mão feita por bom mestre.

Quanto ao doutor, recusára peremptoriamente um formoso russo-cardão, ajaezado de novo, que por ordem do fidalgo lhe apresentára o Estrada. Parecera-lhe fino de mais o animal, e pedíra com instancia que lhe albardassem a mulinha. Não lhe esquecêra tambem o guarda-sol vermelho para o que désse e viesse. Dizia elle, que pelo dia adiante ainda aquecia devéras, e lá para a tarde, com as nevoas das serras, nada mais facil do que armar-se um aguaceiro. O sr. dr. Diogo Montez, da casa de Royos, era, como se vê, homem precavido e summamente cauto.

A cada passo parava a cavalgada á espera do dr. que ficára atrás. Por mais que este sacudisse com os tacoens os ilhaes da cavalgadura, não a resolvia a passar do chouto calaceiro. Provavelmente a bestinha lembrava-se ainda das seis legoas da vespera, apesar do penso esmerado que se dava nas cavallariças de Val-de-mil.

O fidalgo chasqueava desapiedadamente o hospede, sem respeito aos graus academicos nem aos seus projectos de alliança. O Rodrigues praguejava entre dentes. O abbade ria á socapa.

Dirigia-se a cavalgada á villa, aonde o sr. capitão-mór, segundo o dever do seu cargo, ia assistir ao alardo, a que no dia antecedente havia alludido o couteiro.

Da quinta da residencia á cabeça da comarca faziam boa legoa e meia. O fidalgo contava com a andadura costumada, que era expedita. Estes atrazos, a que dava occasião o doutor, impacientavam a todos.

Por ordem expressa do fidalgo, foi o Rodrigues destacado para a retaguarda, levando a especial incumbencia de vergastar a mulinha com a sua vara de marmeleiro, até ao menos a metter n'um trote regular.

O escudeiro, que tivera alguns quatro annos praça no regimento de cavallaria de Miranda, se bem lh'o disseram, melhor o fez. Como a vereda, tida em conta de estrada, não consentisse mais do que um cavalleiro de frente, metteu por um carril lateral, e dando de esporas, collocou-se atraz do doutor, fustigando-lhe desenganadamente a alimaria. A mulinha matreira, attonita da novidade, torceu a anca para a direita, torceu-a para a esquerda, e sentindo sempre em cima do lombo o marmeleiro inexoravel, investiu pelo carril a galope.

Quando a morgada ia mais absorta em não sei que vagas cogitações, passou-lhe ao lado um turbilhão de poeira e de eloquencia.

A mulinha fugindo ao obstinado flagicio do escudeiro, corria a bom correr para a frente da cavalgada. O doutor desorientado, segurando-se com ambas as mãos á almatrixa, exorava em baldados clamores contra aquella inaudita violação do seu circunspecto caminhar.

Entreviu Ignez, como n'uma visão phantastica, o animal, o orador, e o guarda-sol vermelho.

Sobresaltou-a a rapidez d'aquella carreira inopinada, e ainda mais o estrepito jovial com que o fidalgo e o abbade, n'um dueto de gargalhadas, festejavam o resultado da expedição do Rodrigues.

A mulinha distanciou, como um raio, a comitiva. O doutor, logo que póde, colhendo as redeas, fazel-a parar, apeou-se; e agitado, furibundo, accidentalmente da côr do guarda-sol, que empunhava em ar solemne, declarou que, se o não deixavam ir de seu vagar, voltava para a quinta.

Resignou-se o fidalgo, e o sequito de s. s.ª não teve remedio senão medir o passo pelo chouto da mulinha. Em compensação, o doutor foi todo o resto do caminho victima dos motejos cada vez mais acerbos do sr. capitão-mór.

Esta jornada fatal decidiu, como veremos, os destinos de duas creaturas. Esqueceu aos moralistas avaliar a influencia que um guarda-sol vermelho póde exercer na vida de um homem de bem. Buscarei eu remediar este descuido, e preencher tão grave lacuna.

É tempo agora de entrar em algumas particularidades, que servirão para explicar os sucessos presentes, e os lances futuros.

O doutor Diogo Montez era, com effeito, de uma excellente familia. Entrára novo para a universidade, e ahi completára os cursos com muita assiduidade e aproveitamento. Sendo mais illustrado do que a maior parte dos estudantes do seu tempo, ganhára entranhado amor ao estudo, e não fazia senão ler.

Aos vinte e sete annos conhecia a fundo a historia e os principios de direito romano, desde a lei das doze taboas, até ao Codigo Flaviano, desde os éditos dos Pretores até ao Digesto; familiarisára-se com as Institutas, as Pandectas, as Basilicas e as Constituições *Novellæ Leonis;* percorrêra toda a *Glossa ordinaria* de Acursio, decorára os Commentarios de Bartholo, e decifrára da primeira á ultima as distincções cujacianas. No direito canonico era egualmente versado: tinha entrado na intimidade das Decretaes e das Extravagantes, e possuia o *Corpus canonicum* melhor do que alguns lentes de prima.

Aos vinte e oito tomára capello, deixando em Coimbra um nome estrondoso.

Aos vinte e nove acha-o o leitor na casa de Val-de-mil, esposo futuro da herdeira.

Com ser tão lido, e ter-se tão profundamente saturado de romanistas e reinicolas, o doutor não era menos ignorante do que o morgado, nas coisas praticas da vida. Fóra de casa para a universidade, viera da universidade para casa, sem ver nem saber do mundo senão o que d'elle lhe diziam os livros de jurisprudencia, seus oraculos.

O pae do doutor e o fidalgo de Val-de-mil conheciam-se e escreviam-se. As proezas academicas do morgado de Royos chegaram aos ouvidos d'este ultimo, que as admirava tanto mais, quanto menos as comprehendia. Pensava elle então em escolher marido para a filha. Queria-lhe, sobre tudo, quem soubesse administrar e zelar a casa. Pareceu-lhe que ninguem o faria melhor do que tão consummado le-

gista, sem contar que a magistratura era uma das poucas escalas por onde se podia subir aos mais eminentes logares, ainda então exclusivamente reservados aos grandes. O doutor era egualmente morgado, e sobre tudo bem nascido, posto que menos abastado em bens.

Em taes circumstancias, o capitão-mór communicou os seus desejos ao fidalgo de Royos. Este, apreciando as vantagens do enlace, transmittiu a proposta ao filho, não lhe occultando que o veria com prazer acceital-a.

Acolheu o doutor favoravelmente os conselhos paternos. Era um caso previsto nas *Constitutiones personales*, e especialmente explanado no Feyo, Tratado 2.° Não achára objecção seria em Gaio, Modestino ou Papiniano. Sabia, além d'isso, que pelas leis de Lycurgo era o celibato considerado infame. Finalmente o matrimonio, em que nunca pensára senão como n'um contrato *inter vivos*, entrando perfeitamente na categoria dos actos legitimos, não lhe apresentava nenhuma repugnancia de legalidade.

Não foi, portanto, difficil o accordo. Os dois paes entenderam-se. Os destinados noivos eram ambos filhos unicos. Uniam-se as casas acrescentando-se reciprocamente em lustre e poder. D'aqui em diante o fidalgo de Val-de-mil acalentou a sua paternal sollicitude com a idéa de um surprehendimento que, attenta a edade da morgada, assentava dever-lhe ser particularmente agradavel.

D'esta idéa vinham os ares de mysterio que nos ultimos dias se lhe haviam notado.

Estando tudo concertado, pareceram-lhe as predisposições coisas futeis e escusadas. Um marido da sua mão era, no conceito do fidalgo, o presente que a filha receberia lá por dentro com maior alvoroço. Qualquer consulta se tornava portanto ociosa. Quem havia de escolher melhor do que elle?

Em inclinações e sympathias nem pensava. Tinham-n'o tambem casado assim, e lembrava-se ainda dos tres annos de rapida felicidade, que lhe haviam deixado tão gratas e saudosas memorias. Acreditava ingenuamente que eram aquellas as uniões verdadeiramente ditosas, e antegostava já a ventura que infallivelmente proporcionava á herdeira do seu nome e casa.

As informações ácerca do doutor não haviam mentido. Tinha elle recto juizo e sensivel coração. O seu unico defeito era ter vivido sempre confinado n'um circulo limitado e exclusivo. Parecia-se com o capitão-mór em desdenharem ambos egualmente as coisas estranhas ás suas predilecções.

O doutor estava na flor da edade. O estudo e a meditação tinham-lhe porém encovado os olhos, macerado as faces, e arqueado o busto, de modo que figurava mais de quarenta annos. Desflorira-se-lhe a tez n'uma existencia demasiadamente sedentaria: e no estado ordinario, a pallidez morena do rosto aproximava-se á côr dos folios amarellentos que sem cessar folheava. Vivendo sempre em retiro, não tinha sequer a amenidade da conversação, que muitas vezes resgata as exterioridades desgraciosas. Era usualmente taciturno, e a consciencia da sua inferioridade physica dava-lhe, com as damas principalmente, uns modos acanhados e contrafeitos, que excitavam frequentemente o sorriso.

Defendendo theses juridicas, o sr. doutor Diogo Montez assombraria os auditorios; mas para noivo, e noivo de uma formosa morgada de dezoito annos, que só fazia idéa do amor pela prosa de um poeta cavalleiro e namorado, ha de confessar-se que era o menos azado e o peior talhado possivel.

O fidalgo de Val-de-mil, firme no proposito, e olhando a outro alvo, não reparava para estes predicados, posto que tampouco disfarçasse o triste apreço que, sob o seu ponto de vista, fazia da varonilidade do doutor.

Ignez era outra coisa.

No anno anterior, pela mesma epocha, assistira ella na villa ás bodas da filha do ouvidor, sua amiga intima, que se casára com um capitão do regimento 24.° N'esse dia começára com effeito a ir com os desejos além da inspecção das flores e da criação. Entrou a scismar a possibilidade de outras lianças de affecto, como o pae previra. Então lhe acordou a curiosidade das leituras, e o secreto enlevo no livro de Bernardim Ribeiro.

D'estas diversas impressões resultára, que a seus olhos um marido era infallivelmente um homem esbelto, desempenado, arrogante como o marido da sua amiga, terno e brigão, como os heroes do seu livro, vigoroso e cavalleiro em fim como seu pae. E que outra coisa podia ella imaginar, se não distinguia outros typos? — se desde a infancia a tinham costumado a estimar a robustez corporal e a destreza nos exercicios violentos como attributos essenciaes da preeminencia viril? O abbade caçador — o abbade proprio, apesar do seu estado, era uma confirfirmação viva d'estas idéas.

Não ha mulher que no amanhecer da vida não tenha visto levantar-se-lhe, com a aurora do coração, uma imagem desenhada pela phantasia. Essa é a primeira a que em segredo se affeiçoa. Mesmo hoje, que moralmente se madruga tanto, e se acha logo tanta luz, hoje mesmo é assim. A differença está só em se começar muito mais cedo.

Sáe das penumbras da innocencia um ente ideal, a que o natural instincto veste as gentilezas mais selectas que tem colligido no caminho transposto. A mulher ama esta visão antes de amar uma realidade; e ás vezes é quando ama de melhor fé. E a primeira necessidade da sua organisação logo que se completa. Evaporam-lhe o coração estas aspirações, como a flor espalha o perfume desabrochando.

O mesmo é nas cidades que nas aldeias, com mais intensidade ainda nas aldeias do que nas cidades, porque o ermo dilata os mundos da imaginação.

Ignez tinha, como todas, o seu sonho, logicamente conforme ás sensações em que se embalára. Um inexplicavel presentimento lhe estivera na vespera segredando que o hospede, tão esperado, tinha relação com aquelle sonho.

Imagine-se agora o doloroso desconforto que a havia de affligir ante a presença e os actos d'aquelle homem, de quem o pae lhe dissera: «este ha de ser teu marido!»

Aquelle o marido — a realidade — com tal figura, com tal apparencia, e com tal guarda-sol!

Ignez só podéra pegar no somno de madrugada, e isso mesmo para rever n'um pesadelo angustioso o rosto macilento do doutor, torneado em coquilho, feito castão d'uma gigantesca umbella vermelha, que pairava sinistra nos ares.

Nem eu quero dizer as lagrimas que n'aquella funesta noite custou á morgadinha o noivo e o guarda-sol!

MENDES LEAL JUNIOR

BARTEDOURO ROMANO

A simplicidade e a barateza devem formar o caracter essencial das machinas agricolas.

Hoje em dia, á vista da carestia e escacez de trabalhadores, todos os sabios cogitam em transformar os antigos instrumentos e machinas, por meio das engenhosas combinações da mechanica, a fim de que a força do homem e dos brutos se aproveite o mais que for possivel, sem grande cansaço do corpo, nem deterioração da saude.

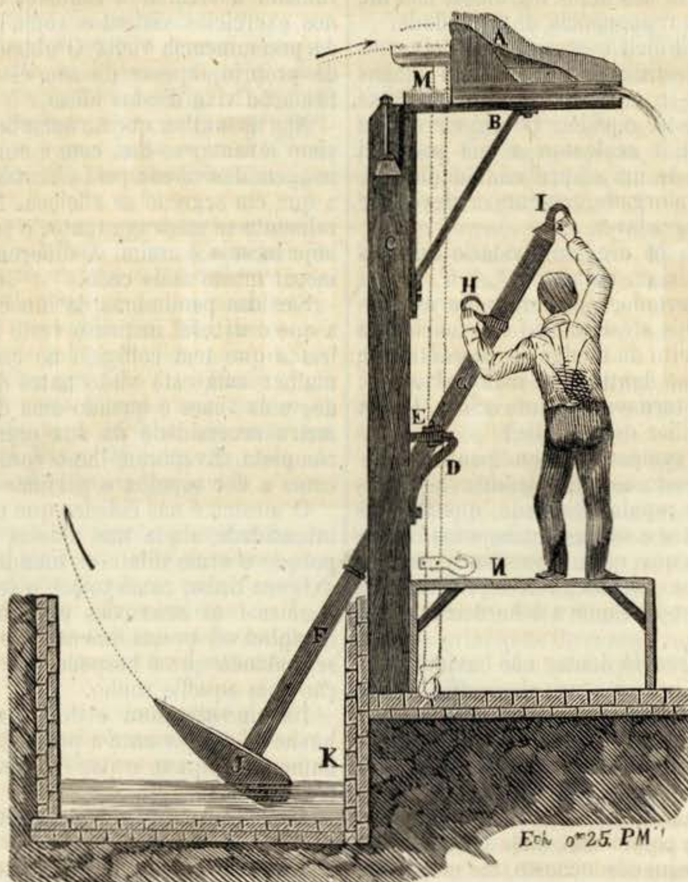
Os systemas de bombas hydraulicas contam-se já hoje por centenas; e todavia insiste-se em descobrir novos meios de tirar a agua das suas origens, com mais facilidade e abundancia, para as regas e irrigações, tão necessarias á agricultura. Entre nós é que ainda as noras são quasi exclusivamente as machinas hydraulicas de que nos servimos!

Ultimamente inventou-se, ou antes aperfeiçoou-se, em França, uma simplicissima machina, a que o auctor deu a denominação de «bartedouro romano», machina que nos pareceu conveniente divulgar, porque n'alguns sitios pantanosos da provincia da Estremadura temos visto usar de um engenho similhante para tirar agua, ainda que não tão aperfeiçoado.

A gravura d'esta machina, que hoje publicâmos, bem claramente dá idéa da sua composição e movimento: comtudo descrevel-a-hemos concisamente.

Entre dois postes *C*, juntos de modo que facilmente se possa transportar a machina, gira uma alavanca (de madeira somente a parte *F*) que se encava n'um bartedouro de folha de ferro galvanisado, que póde ter a dimensão variavel de 15 a 30 litros. A outra parte *G* da alavanca é ôca, e tambem de folha de ferro galvanisado, terminando n'um contrapeso fundido *I*, que exceda uns 5 kilogrammas o peso do bartedouro vasio, para o que se introduz uma porção de chumbo no tubo *G*. Este contrapeso serve de pega para a mão direita, e a argola ovaloïde *H* para supporte do esforço da mão esquerda. No meio, ou n'outro qualquer ponto do seu comprimento, ha dois semicylindros fundidos, que se unem, e podem correr á vontade, mas que se fixam por meio de uma tárracha. Na extremidade dos postes se acha o tanque ou reservatorio, no qual vasa o bartedouro movido pela alavanca.

O movimento pois d'este engenho é muito simples.



Bartedouro romano

Quando o bartedouro está cheio na pia *K*, o operario apoia sobre a extremidade da alavanca a mão direita, e sobre a argola ovaloïde a esquerda; adquire então no primeiro quarto de circunferencia uma velocidade sufficiente para triumphar do *ponto morto* que se produz n'um momento dado, e acaba a outra parte do seu curso logo que a agua tenha adquirido uma força de impulsão, que accelere ainda mais o effeito util da machina. A agua é elevada sem nenhuma perda de altura, porque a disposição do banco *N* faz com que se aproveite tambem o peso do operario.

A agua, assim que chega ao primeiro reservatorio ou tanque *M*, póde ser encaminhada por tubos de irrigação, calhas ou outro qualquer conducto.

Com este engenho, um homem só, póde tirar 6 ou 8 vezes por minuto, a 3^{m}, 15 de altura, um bartedouro de 22 litros de agua.

Egualmente póde trabalhar um homem oito horas por dia, o que dá o producto total de 216:000 a 316:000 kilogrammas de agua, o que pareceria incrivel se não se tivesse averiguado tão pasmoso resultado.

Em summa, aqui damos a noticia, para que os peritos a julgem, e, se valer a pena, adoptem entre nós o novo engenho, porque a sciencia hydraulica está agora, mais que nunca, ligada á prosperidade agricola e industrial da nossa bella mas infeliz patria.

Todas as nações tratam hoje de aproveitar, não só a força muscular do homem, *mas tambem o seu peso;* de sorte que o operario fique em taes condições hygienicas, que evite a oppressão do peito, principalmente nos trabalhos em que elle usa do balancim ou da manivella, a fim de que tenha depois de cada esforço um repouso regular, que, sommado, dê a terça ou quarta parte do tempo empregado no trabalho.

Parece-nos que o «bartedouro romano», que ahi fica desenhado, reune estas desejadas condições.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.